como se considera(ria) a língua, em todos os seus aspectos: essencialmente, as imagens também não são transparentes ("uma imagem fala por si" ou "vale por mil palavras" é uma péssima tese para a AD), exigindo, portanto, o mesmo tratamento explícito a que o analista submete a língua. Tudo demanda análise!

Destaquem-se, nesta questão, duas considerações de Courtine. A primeira é um recenseamento de um conjunto de posições datadas de autores relevantes em AD relativas à Linguística. Ela seria merecedora de um tratamento que a "abrisse e liberasse", que "arrebentasse o ferrolho", como se a defesa ou aceitação de que uma língua é um sistema – tem um funcionamento – fosse empecilho à proposição da Análise do Discurso.

Anoto que continua viva na AD uma cultura de resenhas que vão de Saussure a algum autor mais recente ou postado em outra posição teórica (Benveniste, Bakhtin, Lacan), pretendendo que teria havido uma percepção progressiva de que as línguas devem voltar a incluir o discurso e o sujeito – ou a história –, abrindo-se para o discursivo. Como se isso devesse ser feito nas frestas de uma língua, e não com ela mesma.

Courtine rejeita este caminho, e o faz na forma de recusa de uma posição que caracteriza como continuísta. Recusa as teses que proporiam uma embreagem da língua com o discurso (embreagem da Linguística com a AD?) e uma embreagem do discurso com seu exterior, isto é, com as condições de produção, porque esta metáfora escamotearia as relações desiguais e contraditórias que cada FD estabelece com a língua, de maneira que não é defensável uma posição continuísta entre a Linguística e a AD.

Para que não pareça que se trata de filosofemas, que me seja permitido analisar um dado. Trata-se de um caso no qual se pode verificar que a sintaxe pode ser perfeitamente descrita em termos de língua, sem consideração discursiva alguma (trata-se da ordem própria do português). No entanto, uma determinada construção pode ser interpretada como sendo devida simultaneamente (especialmente por não ser obrigatória) a fatores de ordem ideológica, e cuja interpretação pode ser feita com apelos ao interdiscurso, à memória discursiva.

Trata-se de um caso de "sintaxe", portanto. Para não repetir o excelente caso das explicativas, de que tratou Paul Henry e às quais Pêcheux voltou várias vezes, comento um fato que mostra claramente porque certas teorias sintáticas são melhores do que outras para a AD. Seja o seguinte trecho de um texto de Eliane Cantanhede:

A causa do MST é justa. A causa de Arafat também. Os dois movimentos simbolizam a eterna luta do pobre contra o rico, do fraco contra o forte. Ambos, porém, são identificados com a radicalização que Lula e o PT tanto se esforçam para repudiar.

A questão é "são identificados por quem"? A sintaxe da língua permite o apagamento do agente da passiva (ou do sujeito) – senão, este espaço não estaria vazio ou não se trataria de sentença gramatical. Como se interpreta? O interdiscurso, a memória discursiva, daria a resposta: "por forças da direita" (para simplificar). E como se interpreta o fato de o vazio ser exatamente este, de haver um item impedido de aparecer por alguma força? As FDs decidem o que se pode e o que não se pode dizer, trate-se de enunciados, trate-se de determinados "elementos". Uma questão fundamental: o elemento "apagado" não está próximo, não faz parte de um contexto imediato, donde a dificuldade de uma análise funcional. Outro caso:

Maria diz a Joaquim: - Vai no mercadinho buscar 5 ovos. Se tiver pão, traga 6.

Joaquim volta com 6 ovos, e diz: - Tinha pão.

Qualquer que seja a análise desta piada, deve passar pelo fato de que há posições sintáticas vazias: depois de "traga 6", pode-se ler "pães" ou "ovos". É relevante que a interpretação "ovos" surpreenda, mas que não seja absurda.

Apenas menciono que um dos problemas em relação ao qual surgem frequentes dificuldades diz respeito exatamente à distinção entre frase e enunciado, lugar de divisão clara de procedimentos de análise, que distingue o analista de discurso do linguista. Eventualmente, é o abismo no qual se cai, ou sobre o qual apenas se salta...

ou sobre o qual apenas se salta...

Mais uma nota, apenas, sobre esta questão: para os que querem aproximar Pêcheux e Foucault, deve-se lembrar que Pêcheux considera que muitas das proposições de Foucault são relevantes, mas que condiciona sua "incorporação" à reintrodução explícita da problemática da língua no campo discursivo (o que Foucault não faz).